

O Papel da Apercepção na Construção do Vínculo Familiar em Pré-adolescentes

Marcos de Jesus Oliveira¹, Mara Mariza Leal Santos¹, Andressa Maria de Oliveira¹ e Líssia Pinheiro²

1. Acadêmicos(as) de Psicologia pelo Centro Universitário Uniamérica.

2. Psicóloga. Mestre. Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Uniamérica.

oliveiramark@yahoo.com.br

Palavras-chave

Apego

Apercepção

Projeção

Vínculo

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar os resultados de um projeto de intervenção cujo objetivo consistiu em contribuir para a ressignificação das apercepções acerca do vínculo familiar de jovens adolescentes de onze e doze anos com vistas a seu crescimento e desenvolvimento socioafetivo. Para tanto, a discussão se inicia com um breve delineamento sobre a construção vincular na contemporaneidade para seguir com algumas considerações teóricas acerca da psicologia das relações de objeto que embasam o conceito de vínculo e de apercepção, aqui fundamentais. Na sequência, são detalhados os recursos metodológicos projetivos pelos quais se acessaram as apercepções dos adolescentes, para, finalmente, apresentar as atividades de intervenção construídas a partir dos conteúdos internos acessados. Os resultados confirmam a hipótese segundo a qual a apercepção participa da dinâmica da estruturação vincular, sendo simultaneamente causa e efeito do vínculo. A título de considerações finais, argumenta-se sobre a importância do vínculo como um possível indicador do desenvolvimento emocional e de como a escola pode contribuir, em suas práticas cotidianas, para sua ressignificação.

Artigo recebido em: 07.03.19

Aprovado para publicação em: 27.05.19

INTRODUÇÃO

A ideia deste projeto surgiu da constatação de que, não sendo um microcosmo isolado do resto da sociedade, as famílias têm assumido diferentes configurações ao longo de sua história. Isso porque a família, assim como a infância, a adolescência e a idade adulta, por exemplo, não é uma realidade natural ou universal, mas uma invenção histórica e geograficamente situada (ARIES, 1981). Valores culturais, exigências econômicas e a organização política da sociedade influenciam a conformação e estruturação das ligações vinculares intra e extrafamiliar. Na atualidade, a diversificação dos arranjos familiares em famílias mono, multi ou homoparentais, recompostas como resultado do divórcio, de casamentos sucessivos, de perdas e/ou de processos de adoção etc. (ROUDINESCO, 2003) revela o caráter líquido e fluido das relações vinculares contemporâneas¹. Além dessas, há ainda as famílias geradas de forma independente, em laboratório, como decorrência do avanço das tecnologias de reprodução artificial (TORT, 2001).

Com a emergência de novas configurações familiares, o vínculo biológico ou de sangue já não garante a existência de uma família, fazendo das relações de parentesco contemporâneas um vínculo baseado e construído no afeto. Nesse processo de construção do vínculo, há, do ponto de vista da psicologia projetiva, um fenômeno importante a destacar, a apercepção como aquilo que diz respeito à dimensão subjetiva da percepção em que as vivências e experiências passadas influenciam o modo pelo qual o sujeito percebe o seu presente, condicionando seu futuro. Assim, dois indivíduos podem, por exemplo, formar uma mesma percepção sobre um determinado fenômeno; no entanto, cada um tenderá a interpretá-lo à sua maneira, tendo em vista seus conteúdos internos próprios (FENSTERSEIFER & WERLANG, 2008). Entender a importância da aper-

cepção na construção da dinâmica vincular é, portanto, a indagação que serve de norte para o presente projeto.

Cada sujeito comporta conteúdos internos à singularidade de sua trajetória de estruturação vincular cujo dinamismo nunca é estático, estando, portanto, em um constante processo de constituição, de definição e de redefinição a partir do interjogo de relações estabelecidas entre pessoas e objetos em seu curso de vida (PICHÓN-RIVIÈRE, 2012). A leitura ora apresentada segundo a qual há mutações nos modos de construção vincular na contemporaneidade e a de que a apercepção participa desta construção oportunizou desenvolver o objetivo do presente projeto, qual seja, contribuir para a ressignificação das apercepções acerca do vínculo familiar de jovens adolescentes de onze e doze anos com vistas a seu crescimento e desenvolvimento sócio-afetivo. Este artigo é, portanto, o relato, o mais minucioso possível, dos resultados e das estratégias teórico-metodológicas utilizados na consecução deste objetivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A problemática vincular tem uma longa tradição psicanalítica conhecida como “psicologia das relações de objeto” cujas contribuições foram fundamentais para a compreensão da dimensão psicodinâmica do desenvolvimento. Nessa linha e desde o ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, os trabalhos pioneiros de René Spitz (1979) e John Bowlby (2002) foram decisivos por sinalizar que a qualidade do vínculo estabelecido nos primeiros anos de vida produz efeitos na dinâmica emocional, motora e cognitiva das crianças. Partindo de premissas psicanalíticas, Spitz (1979, p. 186) descreveu as “patologias das relações objetais” de um ponto de vista qualitativo e de um ponto de vista quantitativo, respectivamente, como “relações inadequadas entre mãe e filho” e “relações insuficientes entre mãe e filho”. Tal perspectiva abriu horizontes importantes no entendimento da construção vincular como um preditivo de psicopatologias e de dificuldades de adaptação.

A contribuição de John Bowlby representou a busca de uma sustentação empírica acerca da construção do vínculo socio-afetivo, desenvolvendo hipóteses sobre a importância deste na sobrevivência da criança como membro da espécie humana. Para tanto, fez uso de estudos e comparações etológicas, descrevendo o papel do apego no processo de adaptação evolutiva. Bowlby influenciou os trabalhos e pesquisas das psicólogas britânicas Mary Ainsworth e Mary Main cujas contribuições foram fundamentais ao entendimento da dinâmica vincular. A partir de estudos experimentalmente orientados e empiricamente sustentados, Ainsworth estabeleceu três tipos de vínculo ao qual foi acrescido, posteriormente, um terceiro por Main. As classificações elaboradas pelo trabalho destas duas psicólogas, a saber, seguro/autônomo, desapegado/evitativo, preocupado/ansioso e desorganizado/desorientado (DALBEM & DELL’AGLIO, 2005), ensejaram uma gama muito diversa de estudos e investigações, revelando, por exemplo, o apego como um preditor e/ou indicador de saúde mental.

No âmbito dos estudos clínicos, Melanie Klein (1996) se destacou com suas discussões teóricas acerca das relações de amor e ódio, das perdas e separações, das ansiedades depressivas e esquizoparanóides, inevitáveis na construção da relação mãe/bebê, que compõem a dinâmica de estruturação dos vínculos. Como mediador das relações entre si mesmo e o outro, o ego tende a dar origem a mecanismos de defesa para lidar com aspectos seus ou da realidade causadores de ansiedade, que podem favorecer a adaptação ou gerar desajustamento. Sob a influência de algumas das ideias de Melanie Klein, mas também, em alguns momentos, em franca oposição a ela, os trabalhos de Donald Winnicott foram decisivos para a compreensão da estrutura

vincular desde o ponto de vista das relações de objeto. Para ele, os fenômenos transicionais fazem parte do processo de estruturação do eu da criança como separado do da mãe ou de seu cuidador primário: “representa[m] a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado” (WINNICOTT, 1975, p. 30). Sendo um espaço entre a fantasia psíquica interna e o mundo externo, o fenômeno transicional ajuda a visualizar os modos pelos quais as relações vinculares se estruturam bem como seus desvios que podem dar origem a patologias.

A constituição do eu como diferente de seu cuidador é próprio do processo de estruturação psíquica em que, mesmo se separando, a criança continua vinculada a ele, pois o vínculo representa as impressões, os sentimentos, as emoções e as fantasias que a criança elabora em relação a seus cuidadores decorrentes da relação de cuidado. Nesse sentido, a repressão, a humilhação, o desrespeito, a falta de cuidado, os maus-tratos, tudo isso tende a afetar, negativamente, a constituição da vida emocional da criança (MILLER, 1997), deixando marcas duradouras no modo pelo qual se coloca no mundo, na maneira como se relaciona consigo mesma e com o outro. Partindo da ideia de que os fenômenos transicionais se manifestam no brincar e em outras formas de atividade criativa (WINNICOTT, 1975), o trabalho de ressignificação da apercepção do vínculo familiar passa pelo acesso das fantasias que, em sua trajetória de desenvolvimento, sedimentaram as relações vinculares com os primeiros cuidadores. Por essa razão, conforme se verá, a intervenção sempre priorizou atividades projetivas de maneira a fazer os conteúdos internos dos adolescentes emergir diante de estímulos ambíguos.

METODOLOGIA

O grupo de adolescentes era composto por dezessete estudantes que cursavam o sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de Foz do Iguaçu, PR. Tinham entre onze e doze anos, exceto uma que tinha quatorze e que apareceu apenas uma vez aos encontros. Eram nove meninas e oito meninos, sendo dez autodeclarados pardos e sete, brancos. A maioria deles vivia apenas com a mãe, outros com o pai e a mãe e alguns com os avós, havendo ainda aqueles que viviam com outros parentes como tios/as. Quase todos haviam nascido no município de Foz do Iguaçu, tendo ingressado naquela escola no ano corrente. Os estudantes faziam parte da chamada “sala de apoio”, isto é, estudantes que, no contraturno, recebiam aulas de reforço sobre determinadas disciplinas como matemática e português por causa de dificuldades de aprendizagem diagnosticadas por seus professores. No total, foram nove encontros de duração média de uma hora e meia cada, uma vez por semana, entre os meses de setembro e novembro.

Para alcançar o objetivo de contribuir para a ressignificação do vínculo familiar afetivo, iniciamos com uma avaliação da apercepção da estrutura vincular dos integrantes do grupo. Com isso, as observações, a entrevista de anamnese com algumas perguntas adaptadas da Escala de Ambiente Familiar desenvolvida por Moos e Moos, a aplicação do teste das pirâmides coloridas de Pfister² e as dinâmicas de grupo de caráter projetivo foram desenhadas de maneira a acessar o modo pelo qual a estrutura vincular se estabelece segundo as manifestações verbais, não-verbais, gráficas e fantasmáticas dos próprios estudantes. Para dizê-lo de outro modo, as atividades propostas nesta primeira fase buscaram trazer à tona o mundo interno dos estudantes no que diz respeito à estrutura vincular e sua dinâmica sócio-afetiva, o modo como mantêm contato com o outro. A preferência pela abordagem projetiva tanto no acesso dos conteúdos internos como também na intervenção sobre tais conteúdos se deve ao fato de que a psicologia projetiva enfatiza a ideia segundo a qual o

comportamento de um indivíduo é resultado de forças internas motivacionais que o impulsionam em determinada direção.

Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se o uso de desenhos, pintura, argila, fantoches etc., já que, se conduzidas de forma adequada, são veículos propícios para a projeção (cf. OAKLANDER, 1980). E, quando usadas como instrumentos de intervenção, têm a vantagem de exigir pouca atuação verbal direta por parte do psicólogo, favorecendo descargas emocionais e/ou a elaboração de conteúdos segundo as próprias possibilidades internas de cada sujeito. Esse último aspecto responde, sobretudo, aos problemas metodológicos referentes ao segundo momento do projeto, a intervenção com vistas à ressignificação dos vínculos. Nesse sentido, as intervenções foram realizadas preferencialmente por atividades e jogos que contemplassem a reelaboração dos conteúdos de forma fantasiada e indireta, já que a “função do jogo é a de elaborar as situações excessivas para o ego – traumáticas –, cumprindo uma função catártica e de assimilação por meio da repetição de fatos cotidianos e das trocas de papéis, por exemplo, fazendo o ativo o que foi sofrido passivamente” (ABERASTURY, 1982, p. 49).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a sistematização das informações colhidas, foram adaptados alguns itens da Escala de Ambiente Familiar, transformando-os em categorias de análise segundo os propósitos do presente projeto. A partir da discussão e da apresentação desta escala feita por Maria Lucia de Souza Formogoni e Vania Patrícia Teixeira Vianna (2016, p. 487), tomamos as seguintes categorias, analisando-as do ponto de vista (apercepção) do adolescente:

- Coesão: “grau de suporte que os membros da família fornecem uns aos outros”;
- Expressividade: “o quanto os membros da família são encorajados a expressar seus sentimentos”;
- Conflito: “a intensidade de raiva ou de conflito abertamente expressos no ambiente familiar”;
- Independência: “autossuficiência dos membros da família para tomar suas próprias decisões”.

No que diz respeito ao item coesão, as manifestações subjetivas dos/as adolescentes não indicaram a presença de recursos emocionais de suporte por parte dos cuidadores atuais ou de cuidadores antigos. Poucos estudantes relataram ou demonstraram momentos em que os responsáveis ajudam com seus afazeres escolares, por exemplo. Além disso, as atividades de lazer e atividades culturais não parecem ser realizadas de forma conjunta e quase não há o recebimento de visitas de amigos e/ou outros familiares. Em algumas das atividades, também foi possível observar algum nível de sentimento negativo por parte dos adolescentes em relação a membros específicos da família. Supõe-se que a disponibilidade dos cuidadores e de outros em relação aos adolescentes prejudica a coesão, sobretudo, porque muitos deles trabalham durante o dia, não tendo tempo para se dedicar aos adolescentes.

Embora na entrevista de anamnese, do total de 15 estudantes entrevistados, somente 3 tenham respondido que não conversam sobre seus sentimentos em casa, os recursos projetivos utilizados para acessar a apercepção não substancializam as respostas. Algumas tarefas projetivas (desenhos, pintura, teatro com fantoches etc.) bem como a observação das atitudes dos adolescentes frente às atividades propostas corroboram a hi-

pótese segundo a qual a expressividade não é algo tão presente na dinâmica familiar, já que alguns apresentaram níveis consideráveis de inibição e de retraimento. Alguns adolescentes disseram que não podem falar com seus familiares sobre seus desejos sexuais despertados por outros colegas na escola, não podem contar quando estão gostando de um/a menino/a. O resultado do teste Pfister também indicou esquiva de situações afetivas e indícios de um predomínio de atitudes de isolamento. A ausência de responsividade parece ligada à falta de apoio emocional por parte da família, não ensejando a construção de um “ambiente suficientemente bom”, para dizê-lo inspirado em Donald Winnicott (1983), em que as necessidades emocionais dos adolescentes sejam suportadas por adultos.

Conforme posto, emergiram conteúdos a partir dos quais interpretamos tendências à inibição e ao retraimento. As crianças retraídas, diz Oaklander (1980, p. 258), são crianças que se reprimem. A repressão de sentimentos e emoções afeta, diretamente, a expressão de conflito, sendo uma das possíveis explicações para o fato deste não ter sido encontrado de forma tão explícita. Vários desenhos realizados pelos estudantes apresentaram sentimentos de “raiva ou ressentimento retrofletido” (OAKLANDER, 1980, p. 304), isto é, sentimentos de culpa, para os quais parece haver pouco espaço para expressão no contexto familiar, o que reforça a tese sobre o baixo nível de conflito explicitamente manifesto. A despeito disso, alguns estudantes disseram que não gostariam que certos membros de sua família fizessem parte dela embora também tenham expressado amor por algum deles. Algumas atividades projetivas, sobretudo, as gráficas, indicaram a presença de uma impulsividade reprimida, algo confirmado pelo resultado do teste de Pfister.

No que diz respeito à independência, vários adolescentes demonstraram inquietação em relação às regras estabelecidas em casa por seus familiares. Os dados sugerem que não há muito espaço para a construção coletiva de normas e de regras, para a negociação. Em algumas atividades projetivas como a elaboração de algo que representasse um membro da família escolhido pelo adolescente, também foi possível observar a representação dos cuidadores atuais como onipotentes no sentido de que não deixariam espaços para a expressão de si, o que pode ter a ver com sentimentos de raiva retrofletida expressos em outras atividades e tarefas. A presença de culpa também pode estar ligada a um ideal do eu bastante exigente e severo resultante do narcisismo primário (FREUD, 2010). Algo assim também parece suportado pela ideia já enunciada de que alguns adolescentes expressaram sentimentos negativos em relação a si mesmos, já que o sentimento de autoestima é resultado da relação entre o ideal do eu e o eu.

Tendo compreendido a dinâmica da construção vincular a partir das produções subjetivas dos adolescentes do grupo, pusemo-nos a planejar e desenvolver as atividades de intervenção com vistas à resignificação das apercepções do vínculo familiar. Conforme posto, optou-se por atividades de cunho projetivo com tarefas de imaginação, desenhos, pintura, argila e teatro de fantoches envolvendo relações familiares e construções vinculares. As intervenções foram executadas de maneira a favorecer a reelaboração dos conteúdos de forma fantasiada e indireta, estimulando o crescimento emocional e socioafetivo, sobretudo, no que diz respeito à expressão de emoções e sentimentos em relação a seus familiares bem como ao desenvolvimento de uma confiança básica em si mesmos na realização das tarefas dada a presença de inibição e retraimento observados. Além dessas tarefas, também foi realizada uma roda de conversa com o intuito de fazê-los expressar, em nível mais consciente, o que poderiam fazer para criar mais aproximação entre eles e os familiares.

Os resultados confirmam a hipótese segundo a qual a apercepção é tanto resultado como efeito das relações vinculares construídas ao longo da trajetória de cada um e que investigações acerca da qualidade do vínculo pode ser um dos indicadores de um ajustamento e/ou um desajustamento, tornando possíveis intervenções a partir de tal compreensão. Nesse sentido, estudos sobre a dinâmica vincular na contemporaneidade,

sobretudo, porque estes vêm, conforme assinalado na introdução, se tornando mais fluidos, podem ser uma oportunidade ao entendimento de como a subjetividade se estrutura diante das mudanças e transformações operadas nesse campo, indicando caminhos para novas formas de intervenção psicológica. Isso porque, conforme já assinalou Enrique Pichón-Rivière (2012, p. 97), as relações vinculares são definidoras de vida saudável: “uma pessoa mentalmente sã é aquela capaz de (...) encontrar maior satisfação no dar do que no receber, (...) de poder usar certo montante de hostilidade com fins criativos e construtivos e de desenvolver uma capacidade de amar.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje as escolas tendem a focar apenas o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, no desenvolvimento de habilidades e competências supostamente necessárias para o futuro exercício profissional. A entrada da criança na escola implica a expansão e alargamento de suas relações vinculares, inicialmente restrita ao universo familiar, tornando-se um espaço propício para a ressignificação vincular. Diante disso e dos resultados acerca de coesão e expressividade sugeridas pelo presente trabalho, ressalta-se a importância de atividades escolares e pedagógicas que contemplem e facilitem a vivência e a expressão de sentimentos, o que pode contribuir para o crescimento socioafetivo dos estudantes. Pais e/ou responsáveis, fundamentais no processo de desenvolvimento socioemocional do adolescente, também devem ser estimulados a conversar sobre as emoções e as atividades cotidianas realizadas pelos adolescentes de maneira a favorecer as relações vinculares e as ressignificações de suas apercepções.

A escola precisa incorporar práticas que trabalhem o adolescente em sua totalidade, seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional, já que todas elas são indissociáveis e mutuamente implicadas. Como, no quesito independência, foi constatado pouco poder de decisão por parte dos jovens, seria interessante que se fomentem diálogos democráticos sobre a construção das normas, incentivando a autonomia e o desenvolvimento da independência (WINNICOTT, 1983) dos adolescentes. Algo assim poderá contribuir para que os estudantes se sintam partícipes do processo de definição do cotidiano da escola, diminuindo a percepção de que as normas lhes vêm do exterior, de que são puramente impostas, e aumentando o sentimento de autoeficácia. Além disso, trabalhar a construção coletiva das normas propicia espaços para que o adolescente possa assumir mais responsabilidade sobre suas decisões e escolhas, aumentando seu sentimento de liberdade.

NOTAS

1. A esse respeito, Judith Butler destaca que vivemos um momento em que “as crianças, devido ao divórcio e ao segundo casamento, devido à imigração, ao exílio e à condição de refugiado, devido aos vários tipos de deslocamentos globais, passam de uma família para outra, de uma família para nenhuma, de nenhuma família para uma, ou vivem, fisicamente, na encruzilhada da família, ou em situações multifacetadas, em que podem muito bem ter uma mulher atuando como mãe, mais de um homem atuando como o pai, ou nenhuma mãe, ou nenhum pai, com meios irmãos que são também amigos – este é um momento em que o parentesco tornou-se frágil, poroso e expansivo. É também um momento em que as famílias heterossexuais e gays por vezes se misturam, ou em que famílias gays surgem em formas nucleares e não nucleares” (BUTLER, 2014, p. 45).
2. Este teste foi escolhido, sobretudo, porque oferece uma descrição muito interessante da dinâmica afetiva e emocional dos testandos. Para maiores detalhes, confira Villemor-Amaral (2018).

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise de crianças: teoria e técnica**. Porto Alegre: Artmed, 1982.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOWLBY, John. **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BUTLER, Judith. **O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun., 2005
- FENSTERSEIFER, L. & WERLANG, B. S. G. "Apontamentos sobre o *status* científico das técnicas projetivas". In: VILLEMOR-AMARAL, A. E. & WELANG, B. S. G. (orgs.). **Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- FORMIGONI, Maria Lucia de Souza; VIANNA, Vania Patrícia Teixeira. "Escala do Ambiente Familiar". In: GORENSTEIN, Clarice; WANG, Yuan-Pang; HUNGERBÜLER, Ines (orgs.). **Instrumentos de avaliação em saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- FREUD, Sigmund. "Introdução ao narcisismo". In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia de Freud, 2010.
- KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MILLER, Alice. **O drama da criança bem-dotada: como os pais podem formar (ou deformar) a vida emocional dos filhos**. São Paulo: Summus, 1997.
- OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- SPITZ, René. **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- TORT, Michel. **O desejo frio: procriação artificial e crise dos referenciais simbólicos**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.
- VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. "O teste das pirâmides coloridas de Pfister". In: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRETINI, Clarissa Marcelli (orgs.). **Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

